

Comensalidade aberta de Jesus e suas implicações paradigmáticas para a sacramentalidade profética da Igreja

Open commensality of Jesus and its paradigmatic implications for the prophetic sacramentality of the Church

Sérgio Albuquerque Damiano
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) - Brasil

Resumo

O presente artigo fundamenta a comensalidade aberta como paradigma para a sacramentalidade eclesial. Por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica qualitativa e método hipotético-dedutivo, o estudo examina o alcance das implicações hauridas da comensalidade estabelecida por Jesus e compreendida como gesto profético em seu contexto sociocultural. O artigo reflete sobre as implicações teológicas que tal comensalidade infere na construção da sacramentalidade eclesial, sobretudo diante dos atuais desafios contemporâneos. O estudo demonstra que a construção dessa sacramentalidade eclesial está alicerçada no anúncio do Reinado de Deus que recebe contornos concretos na experiência da comunhão de mesa instituída por Jesus. Assim, apresenta uma sacramentalidade vivida na missão e construída por meio do compromisso profético e do engajamento na defesa da vida dos pobres e marginalizados da sociedade.

Abstract

This article aims to substantiate open commensality as a paradigm for ecclesiastical sacramentality. Through qualitative bibliographical research and a hypothetical-deductive method, it examines the scope of the implications drawn from the commensality established by Jesus and understood as a prophetic gesture in its sociocultural context. It reflects on the theological implications that such commensality infers in the construction of ecclesiastical sacramentality, especially considering current contemporary challenges. In this way, the study demonstrates that the construction of ecclesiastical sacramentality is based on the announcement of the Reign of God, which receives concrete contours in the experience of table communion instituted by Jesus. Thus, it presents a sacramentality that lived in the mission and built through prophetic commitment and engagement in defending the lives of the poor and marginalized in society.

Palavras-chave

Reinado de Deus.
Comensalidade.
Eclesiologia.
Sacramentos.
Profetismo.

Keywords

Reign of God.
Commensality.
Ecclesiology.
Sacraments.
Prophetism

Introdução

No dia 19 de novembro de 2023, celebrando o VII Dia Mundial dos Pobres, o Papa Francisco repetiu o gesto que tem se tornado tradicional em seu ministério: sentou-se à mesa para partilhar a refeição junto com pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social. Ao adotar o símbolo da mesa compartilhada, o Papa se insere no seguimento de uma rica tradição eclesial que, enraizada na revelação bíblica, desvela o denso significado que a partilha da mesa possui para a Igreja.

A importância do sentar-se à mesa para repartir a comida não é um valor exclusivo da tradição cristã, mas constitui um saber universal que transpassa toda a história e recebe delineamentos sacros nas mais diversas culturas e religiões. A alimentação constitui uma das principais preocupações humanas e as diversas formas simbólicas de presença à mesa - assim como de ausências - delimitam, por vezes, os abismos desiguais que estruturam as injustiças sociais perpetradas.

Não é casualidade que a súplica pelo pão nosso partilhado se encontra na oração ensinada pelo Profeta de Nazaré. Não é acidente que, ao longo de sua caminhada histórica, a comunidade cristã encontrou-se permanentemente impelida pelo vocativo missionário que nasce da mesa eucarística e, concomitantemente, da mesa da Palavra, condicionando a construção do próprio testemunho nas diferentes conjunturas socioculturais que a permeiam.

Sensível a este vocativo, o Concílio Vaticano II estabelece escuta, diálogo e serviço como posturas fundamentais para o desenvolvimento da missão eclesial diante da sociedade contemporânea. Propõe uma Igreja disposta a assumir a realidade que a cerca e capaz de, se necessário, reconfigurar seu ministério e seu testemunho. É nesse contexto que se situa este artigo, que, ao analisar o significado da comensalidade aberta estabelecida por Jesus, objetiva apresentar o alcance profético deste gesto. A partir de sua sacramentalidade, o artigo propõe considerações acerca dos questionamentos e impulsos que tal experiência traz para a missão e sacramentalidade eclesial.

Neste sentido, a comunhão com todos e, principalmente, a inclusão dos pobres e excluídos sociais à mesa com Jesus, emerge como um questionamento tanto para a vida da Igreja quanto para o sentido profético de sua sacramentalidade. Este questionamento é ainda mais relevante quando se contempla seu profundo significado para a elaboração das relações pessoais e, principalmente, para as construções macrossociais. Deve-se salientar que nesta reflexão não será abordada a dimensão litúrgico-eucarística da mesa, a qual, por sua importância, merece dedicação e aprofundamentos posteriores.

Centralidade do Reinado de Deus

É fato inconteste que o anúncio do Reinado de Deus é o tema inicial e decisivo do ministério de Jesus de Nazaré. A tal ponto que “se quisermos falar de Jesus - daquilo que Ele queria e daquilo que Ele era - devemos falar primeiramente e sobretudo do domínio de Deus” (Lohfink. 2015, p. 39). Será tal temática a métrica julgadora de qualquer instância ou comportamento, evidenciando que o Reinado de Deus não deve ser tratado como um acontecimento meramente interior ao ser humano, mas precisa ser entendido como o projeto de Deus que incide no coração da história, manifestando e realizando sua amorosa soberania.

Em seu ministério, Jesus revela que a proximidade do Reinado de Deus está decisivamente atrelada à iniciativa divina. Vislumbra-se esta perspectiva na importante declaração de que o Reinado está próximo, que está vindo, ou que virá (Mt 3,2; Mc 1,15; Lc 10,9-10). De tal maneira que falar da irrupção do Reinado de Deus é, no fundo, falar da ação salvífica do próprio Deus na história humana. Como usual para a tradição bíblica, a irrupção do Reinado de Deus não pertence à esfera das decisões humanas e não está condicionada a uma determinada postura ética ou moral. Sua manifestação emerge como ação livre, gratuita e misericordiosa de um Deus que toma a iniciativa de se dirigir à humanidade. Caberá ao ser humano, tocado por tal proximidade, acolher a proposta divina no agora de sua história, deixando-se conduzir por seu movimento e adotando em sua vida os valores intrínsecos a esse acolhimento.

O Reinado anunciado por Jesus contraria a perspectiva religiosa de seu tempo e traz à tona uma renovada dinâmica para o entendimento acerca da presença atuante de Deus, revelando-a mediante um olhar inédito que suplanta as concepções tradicionais e estimula seus ouvintes a relerem a própria vida. Trata-se de uma releitura dirigida sob o prisma de um Deus que se revela a partir da oferta plena de seu amor. Na práxis de Jesus, descortina-se um horizonte de possibilidades que convida à redescoberta de Deus como se Ele ainda não fosse conhecido (Moingt, 2008, p. 56) e, partindo desta descoberta, retira o ser humano de sua zona de conforto e o incita a experimentar uma existência renovada.

Apesar de reconhecer que o Reinado de Deus se configura como uma realidade diante da qual é preciso tomar partido e agir, compete ressaltar que há uma dimensão escatológica nas palavras de Jesus. Tal dimensão não pode ser compreendida fora de seu entrelaçamento com o instante presente e, ainda que o futuro, vislumbrado no interior da manifestação do Reinado de Deus, possa ser maior que o hoje, a percepção de sua realização é possibilitada por sua vinculação à presença sempre atual do agir salvífico na concretude histórica.

Declarar a centralidade do Reinado de Deus na vida de Jesus implica assumir sua centralidade para a própria reflexão teológica e para a caminhada eclesial (Aquino Júnior, 2011, p. 57). A esperança de salvação, originada pela proximidade do Reinado de Deus, rejeita ser interpretada unicamente como um possível alento futuro. Ela transparece como força de esperança e felicidade que impulsiona o hoje da cotidianidade humana e, em sua experiência, reclama por relações interpessoais e macrosociais capazes de ultrapassar as limitações socioculturais ou as barreiras religiosas, ao mesmo tempo em que só pode ser vivenciada na ambiguidade interior destas.

O acolhimento do Reinado de Deus avança, portanto, além das demarcações ideológicas que secundaram sua interpretação e alijaram seu sentido. No reconhecimento de sua proximidade, tanto a teologia quanto a Igreja são estimuladas a tomarem com “seriedade a práxis de Jesus de Nazaré como lugar fundamental da presença e atuação de Deus e como critério de

discernimento de sua presença e atuação históricas” (Aquino Júnior, 2011, p. 59). Não se trata de estabelecer um questionamento meramente intelectual, por mais refinado que seja, mas de resgatar o dinamismo teológico que, fundamentado na práxis de Jesus, deve permear o existir teológico e eclesial.

Comensalidade aberta de Jesus: profecia em ação

A práxis de Jesus revela que este possuía uma profunda consciência das condições de vida ao qual a maior parte de seus contemporâneos estava submetida, e não se omitia diante delas. Tratava-se de condições muitas vezes erigidas e sustentadas sob a tutela de conceitos teológicos estabelecidos pelo discurso religioso de seu tempo. Ainda que seus atos possuísem um profundo questionamento dirigido ao âmbito religioso, eles ressoavam diretamente nas tramas sociais, impetrando uma nova experiência de Deus e determinando a modificação das relações humanas que, sedimentadas nas estruturas sociais, revelavam-se excludentes e marginalizadoras.

A íntima solidariedade estabelecida por Jesus junto aos excluídos de sua época não passará despercebida. De tal forma que suas atitudes ocasionavam questionamentos e desconfortos entre seus ouvintes, uma vez que transitavam pelo envolvimento profundo que as ações simbólicas típicas dos profetas acarretavam e, dessa maneira, iluminavam e denunciavam a crueza da realidade à luz de sua vida e, por conseguinte, do Reinado de Deus.

Entre estas ações simbólicas realizadas por Jesus, uma se destaca com especial significado: o ato de sentar-se à mesa com os excluídos sociais. A tradição que narra Jesus compartilhando a mesa com pecadores de vários tipos e comia com eles é historicamente confiável e pode ser considerada fora de dúvida (Gnilka, 2000, p. 105). A potência simbólica desta comensalidade não passou despercebida pelos evangelistas e nem por seus detratores, e pode ser constatada na abundante assiduidade destes relatos. Nos Evangelhos, encontramos 137 menções à refeição e à partilha da comida: 28 menções em Mateus, 22 em Marcos, 56 em Lucas e 31 em João (Castillo, 2015, p. 325).

Esta presença farta destaca que a comensalidade organizada por Jesus não deve ser enxergada como uma atitude secundária dentro de seu ministério. A comunhão de mesa instituída emerge como personificação profética que as novas relações provenientes do acolhimento do Reinado de Deus estabelecem. Transforma-se, assim, numa profecia em ação (Schillebecckx, 2008, p. 210), ensinando, com profundidade, quem é Deus e no que consiste seu Reinado.

Estas refeições são um dos traços mais surpreendentes e singulares de Jesus. Quiçá constitua o sinal que mais o diferencia de todos os seus contemporâneos e de todos os profetas e mestres do passado (Pagola, 2010, p. 243). Pecadores são seus companheiros de mesa, publicanos e prostitutas usufruem de sua amizade, pobres são destinados aos lugares de honra. Atitudes que escandalizam e colocam em dúvida sua credibilidade. Afinal, não era considerada uma atitude honrada se aproximar destes círculos sociais com o respeito e a empatia que Jesus lhes dispensava (Lc 7,39). Certamente, trata-se de um gesto consciente e provocador, cuja acusação dos seus adversários não o intimida. A comensalidade permanece aberta a todos e suas implicações são assumidas livremente.

Outro ponto que desperta surpresa e escândalo está no fato de que Jesus acolhe os pecadores sem deles exigir previamente o arrependimento e a purificação, conforme observado tradicionalmente. Nem mesmo submete-os sequer a um rito penitencial, como havia feito João Batista. Em vez disso, oferece-lhes sua comunhão de mesa e amizade como sinal de que Deus os acolhe em seu Reinado antes mesmo de voltarem à lei ou se integrarem da Aliança. Este cenário denota que a comensalidade aberta de Jesus não é apenas o relato ocasional e periférico de uma cena entre outras. Consiste em uma ação premeditada que aponta para a instauração de uma realidade formal que possibilita e estabelece, a partir de sua vivência, a hermenêutica prática da realização do Reinado de Deus na história das relações interpessoais e macrossociais. Jesus tem consciência do significado que sentar-se à mesa possui para a história do povo de Israel e, abraçando os riscos inerentes, institui, através do alargamento desta experiência, a dimensão profética de sua comensalidade.

Comensalidade aberta: sacramento do Reinado de Deus

Há uma universalidade subjacente à dinâmica da comensalidade aberta de Jesus: todos são acolhidos, valorizados e convidados a partilhar do mesmo pão e da mesma vida. No interior desta universalidade ressoa uma predileção especial que é motivo de escândalo e desconforto. Sentados à mesa encontram-se aqueles que, em condições normais, não seriam nem lembrados (Mt 9,10-13). Tal predileção funda-se na gratuidade salvífica de Deus e estabelece uma desconcertante inversão social ao contrariar a predominante atitude comum, que consistia em privilegiar os que compartilhavam das mesmas condições sociorreligiosas, para abrir-se à presença dos insignificantes sociais de seu tempo (Lc 14,12-14).

A mesa de Jesus é apresentada como lugar privilegiado de expressão e experiência da gratuidade do Reinado de Deus. Gratuidade inicialmente experimentada por quem convida, e depois vivida na expressividade de uma comensalidade estendida por meio de uma solidariedade capaz de alcançar a todos, especialmente os pobres e marginalizados. Em seu simbolismo profético, desdobra-se a ética do Reinado de Deus que deve modelar a conduta daqueles que participam das refeições com Jesus (Lohfink, 2008, p. 319). Por ser hermenêutica prática de sua vida e ministério, a comensalidade aberta converte-se em parâmetro comportamental para a construção de sua comunidade de seguidores.

Expressão prática da mensagem de Jesus, a comensalidade torna-se, porquanto ato imanente-transparente, em sacramento do Reinado de Deus. Por ser uma ação consciente, constitui-se como símbolo sacramental da salvação escatológica, revelando o Reinado de Deus a partir de uma ética de inclusão que extrapola os condicionamentos sociais e religiosos. Pobres, prostitutas, enfermos, pessoas indesejáveis... todos são acolhidos e respeitados, vertendo a comunhão à mesa em fonte de amparo mútuo e reconciliação com a própria dignidade. Os casos em que o próprio Jesus atua como anfitrião acentuam ainda mais o aspecto escatológico de sua mensagem e impedem que sua relevância seja reduzida apenas aos pertinentes apontamentos acerca do combate ao desnível sociorreligioso que emergem de

sua vivência. A comensalidade aberta possui e configura-se a partir de sua dimensão escatológica. Estes momentos transformam-se em

Celebrações antecipatórias do banquete salvífico do fim dos tempos (Mt 8,11), nas quais já agora se representa a comunidade dos santos (Mc 2,19). A inclusão dos pecadores na comunidade salvífica, realizada na comunhão de mesa, é a expressão mais palpável da mensagem do amor redentor de Deus (Jeremias, 2004, p. 186).

Na sacramentalidade da mesa, entrelaçam-se os aspectos centrais da dinâmica salvífica anunciada por Jesus. As refeições recebem significado sacramental exatamente porque, nelas, a acolhida de Deus em seu Reinado adquire contornos éticos e humanos. Através da convivência festiva com Jesus, pessoas discriminadas e marginalizadas pela sociedade sentem-se livres da vergonha e da humilhação, resgatadas da exclusão social e aceitas como filhos e filhas de Deus. Por entre as entrelinhas da partilha do mesmo alimento, do acolhimento fraterno, da recuperação da própria felicidade a comunhão à mesa transcende-se a si mesma para revelar o rosto amoroso do Deus anunciado por Jesus. Organiza não apenas um experimento social, mas desponta, por sua sacramentalidade, como significante teológico que somente pode ser experimentado nos espaços que se abrem para a vivência mais íntima da humanidade.

Uma eclesiologia em movimento *kenótico*

À mesa, ação e anúncio se unem, conferindo contorno e densidade ao Reinado de Deus e à vida de Jesus. Este movimento configura a postura da comunidade cristã e vincula suas atitudes à missão recebida do próprio Cristo. Seguindo os passos do Profeta de Nazaré, a Igreja permanecerá dinamizada por uma existência confrontada pelo imperativo missionário que consiste em anunciar e testemunhar o Reinado de Deus (Miranda, 2004, p. 239).

Questionada por um meio social marcado por rápidas e constantes transformações, a Igreja insere-se na procura por uma maneira cada vez mais eficaz de transmitir a Boa Nova a seus interlocutores. Para isso, é imperioso estar atenta aos sinais dos tempos, adotando uma postura de abertura e juízo crítico diante das mudanças paradigmáticas que impulsionam a sociedade.

Neste movimento, a realidade precisa ser discernida e vivida para que a palavra proferida pela comunidade eclesial se torne compreensível aos seus contemporâneos.

Se as interpelações provenientes do entorno sociocultural se multiplicam, também precisam ser múltiplas as respostas oferecidas que devem superar a tentação da simples repetição das fórmulas prontas do passado. Isto não significa que é necessário rejeitar as experiências feitas, mas sinaliza para o exercício de encontrar, neste passado eclesial - e na riqueza que ele carrega - os alicerces possíveis para a construção de novas formas de ação e diálogo. Não por acaso, a comunidade eclesial muitas vezes compreende-se situada entre a tensão gerada pela aventura do novo ou a tentação do refúgio nas cômodas seguranças.

Na busca por novas respostas, impõe-se salvaguardar a autenticidade da identidade eclesial, mantendo-se fiel ao núcleo de sua fé. No entanto, a fidelidade à missão não se exerce a partir do medo que paralisa, mas se desenvolve na abertura corajosa que consiste em viver a confiança criativa da fé que desponta na certeza da ação constante do Espírito Santo em seu meio. A abertura ao dinamismo pneumatológico é a única garantia de uma atuação relevante e sustenta a audácia que sempre acompanhou a caminhada eclesial e a reflexão teológica diante dos mais diversos cenários. Caso contrário, a Igreja levantará os muros do próprio isolamento, condenada a repetir o passado e tornar-se, assim, ininteligível aos seus contemporâneos (Brighenti, 2004, p. 109). Aprisionar-se ao passado é correr o perigo de não participar do presente e, assim, abster-se da possibilidade do futuro.

A superação de linguagens inacessíveis, estruturas e configurações obsoletas exige da comunidade eclesial um firme movimento *kenótico*. Assumir tais implicações faz parte do esvaziamento que direciona a Igreja pela complexa e desafiante historicidade de sua caminhada. É necessário ousadia ao desprender-se da estaticidade que uma postura anacrônica ocasiona para, conforme proposto pelo Concílio Vaticano II e, em seu seguimento, o Papa Francisco, inserir-se concretamente no interior da sociedade.

Uma sacramentalidade que se renova pela missão

Seguindo os passos conciliares e movidas por este desejo de encarnação histórica, as Conferências Episcopais Latino-americanas e Caribenhas construíram um olhar crítico diante da realidade social, posicionando a Igreja diante da angustiante situação de pobreza à qual a maior parte da população de nossa sociedade está submetida, adotando a transformação social como forma profética de anúncio do Reinado de Deus. Esta percepção levará a um movimento constante - às vezes mais acentuado, por vezes menos - de desenvolvimento de uma eclesiologia que compreenda como imperativo missionário prioritário a defesa da vida dos pobres em suas diversas matizes e nuances.

A definição da Igreja como “sacramento visível de toda unidade salvífica” (*Lumen Gentium* 9), oferecida pelo Vaticano II, busca interpô-la no esteio da economia soteriológica que dinamiza a história humana. Com esta definição, a Igreja compreende tanto sua atividade quanto sua identidade a partir do agir salvífico do Deus que anuncia, implicando no descentramento eclesial e compondo uma existência voltada para missão. Descentrar-se é reconhecer que em seu núcleo fundamental deve estar o próprio Cristo, consciência indispensável para uma autopercepção eclesial como comunidade-sinal. De tal modo que, na medida em que se distancia desta consciência, a Igreja corre o risco de edificar uma falsa e trágica percepção a respeito de si mesma e de sua missão.

Descortina-se uma renovada sacramentalidade eclesial que promoverá na luta por uma sociedade mais justa, uma evangelização conscientemente crítica que institui uma “clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres” (Puebla 1184). A despeito das leituras e releituras, tenta restabelecer a predileção divina pelos marginalizados, tão presente na revelação bíblica, e assim, recuperar a perspectiva evangélica mais genuína. Não se trata mais de apenas escutar os sinais dos tempos, é preciso edificar uma atitude de solidariedade com as reais necessidades do mundo (*Gaudium et Spes* 1). Com este entendimento, as conferências episcopais afirmam uma Igreja ciente de que sua sacramentalidade salvífica não constitui um entendimento teórico ou um malabarismo conceitual. Ele nasce da Boa Nova anunciada e vivida por

Jesus de Nazaré, Sacramento de Deus e critério basilar-normativo para o discernimento de sua missão (Puebla, 222).

Na fidelidade ao mandato missionário, a Igreja faz-se capaz de renovar e revigorar sua fé e identidade. Descobre-se sempre em movimento ao reinventar-se nos mais diversos ambientes e culturas. Trata-se de estabelecer uma dinâmica eclesial que ressalta a importância fundamental da abertura pneumatológica e está orientada para a realidade social. Logo, a comunidade de fé deve estar apta para realizar diversas leituras, mediante diferentes linguagens, visando tornar cognoscível o núcleo fundamental do Reinado de Deus ao seu entorno. Tal dinamismo comporta a denúncia e a transformação daquilo que confronta seus valores, alargando suas perspectivas e trazendo consigo opções que impedem a acomodação da Igreja sobre si.

No embate com os desafios oriundos do contexto sociocultural, a comunidade eclesial compreenderá nitidamente o sentido de seu ministério e o alcance de sua ação. Confrontada por uma realidade social marcada pela desigualdade entre classes, gêneros ou raças, o impulso missionário eclesial não permite posturas passivas diante daquilo que lhe rodeia. Isto apenas demonstraria o abandono de sua missão e o esquecimento consciente de sua vocação mais radical que consiste em ser sacramento da salvação na história humana.

Conforme demonstra a realidade cotidiana, pobreza significa morte, seja simbólica ou real, e denota que, no fundo, o que está em jogo é a vida humana, nomeadamente dos pobres e marginalizados. Portanto, deparar-se com uma realidade marcada por situações de sofrimento e pobreza torna mais exigente a obrigação da comunidade cristã de deixar transparecer em suas estruturas a mensagem profética da qual é portadora, impossibilitando-a de abrigar-se sob discursos acalentadores.

Comensalidade aberta como paradigma eclesial

O desafio eclesial consiste em encontrar os meios adequados para que sua sacramentalidade continue visibilizando o Reinado de Deus no chão machucado pelo sofrimento daqueles destituídos de seus direitos e dignidade. Isto implica no desenvolvimento de uma autopercepção renovada que, fiel a

sua identidade mais genuína, evidencia a dimensão sacramental salvífica da Igreja na história humana. Porém, o “como-fazer” exige mudança que, por vezes, trazem insegurança, incidindo diretamente na reconfiguração de estruturas, discursos e atitudes para que estes sejam suporte para a eclesialidade em sua transparência sacramental.

A comensalidade aberta vivida por Jesus de Nazaré converte-se em paradigma concreto para a eclesialidade. Esta condição paradigmática não atinge somente as estruturas eclesiais, mas também afronta as atitudes de todos diante da construção do Reinado de Deus. Na configuração às avessas da comensalidade aberta, encontra-se a denúncia da pobreza e da exclusão e, igualmente, depreende-se o compromisso com a luta pelas indispensáveis mudanças estruturais. Ela apresenta o traço condutor para a edificação de uma sacramentalidade eclesial plasmada a partir dos marginalizados e estruturada mediante uma opção sólida, refletida no testemunho e na institucionalidade que lhe sustenta. Também ensina que reconhecer as tramas sociais envolve tomar posição, opor-se a certos grupos, abandonar determinados discursos e deparar-se com oposições internas e externas.

A resistência que a comunhão de mesa com os insignificantes sociais, vivida por Jesus, provocava em seus adversários, assim como sua inflexível defesa, revela que a potência simbólica deste gesto não está restrita à reconciliação e à solidariedade momentânea. Sinaliza para o necessário enfrentamento que emerge da disposição para enfrentar os desafios decorrentes de sua sacramentalidade. Logo, a dimensão sacramental da Igreja traz a certeza de que seu testemunho não pode permanecer indiferente diante de uma sociedade injusta e desigual. Será na autêntica solidariedade e no profético protesto contra a pobreza que seu rosto sacramental emergirá.

É fato que pobres, pecadores e marginalizados têm preferência à mesa com Jesus. Isto funda um decisivo ineditismo que transfigura sua comensalidade aberta em profecia capaz de questionar e romper com os costumes da época. Junto à sua mesa não se encontram discriminações, exclusões, legalismos, mas convite, acolhida e comunhão. O compromisso advindo salta além do convívio conformado e pacífico, para determinar o

enraizamento da Igreja que irrompe na denúncia das injustiças. A dinâmica da mesa de Jesus institui-se como constante desafio para a comunidade cristã ao emergir, do coração da tradição eclesial, como paradigma simbólico para o discernimento estrutural e juízo para sua práxis, confrontando-a em suas opções e convocando-a a ser sinal profético de comunhão para a sociedade.

A sacramentalidade profética diante da pobreza

A atitude de inclusão à mesa promovida por Jesus e suas consequências demandam a Igreja em um processo que ressignifique a sacramentalidade eclesial a partir dos insignificantes sociais. Os diversos e atuais enfoques da pobreza exigem respostas e atitudes variadas e concretas que possam combater tais situações através da promoção do protagonismo e da defesa dos pobres. Contudo, para que a sacramentalidade seja realmente profética é indispensável audácia para adentrar por entre novos caminhos, desprendendo-se de conceitos e pré-conceitos arraigados pelo tempo, além do desenvolvimento de estruturas que realmente estimulem e visibilizem tal sacramentalidade.

É preciso superar o simples assistencialismo por meio de uma práxis comprometida com as mudanças socioestruturais. Seguindo o dinamismo da mesa do Reinado de Deus, a evangelização, fonte e sentido da sacramentalidade eclesial, deve estar vinculada à busca pela inserção social e promoção humana. O documento de Aparecida segue Medellín de perto ao evocar a opção pelos pobres como caráter central da missão eclesial, e declarar que o processo evangelizador envolve uma integral promoção humana por meio de uma autêntica libertação (399).

Não se trata de estabelecer dois movimentos diferentes ou paralelos. Em sua força libertadora, a evangelização é, por essência, promoção humana (Miranda, 2014, 542). Se circunstancialmente estes dois movimentos não podem ser harmonizados, pela perspectiva do Reinado de Deus, a inserção social e a defesa da vida humana são ações prioritárias (Puebla, 1152). Dar prioridade aos aspectos sociais da evangelização não significa uma redução da atividade da Igreja, ao contrário, representa o alargamento profético de sua

sacramentalidade. Longe de desvirtuar sua missão, esta solidariedade conduz a Igreja ao encontro de sua vocação como sinal da salvação de Deus na história, pois não se trata de uma simples consciência social, mas exprime o radical valor da vida humana como critério teológico.

A sacramentalidade profética da Igreja consiste, portanto, em se colocar, movida pela força libertadora do Deus de Jesus Cristo, como lugar concreto de comunhão fraterna, aberto a todos e experimentada no acolhimento preferencial oferecido aos últimos, aos pobres e aos insignificantes da sociedade. Acolhimento declaradamente fundamentado na revelação bíblica, que recebe coloração especial na mesa do Reinado de Deus vivida por Jesus de Nazaré. Esta predileção não visa considerar os pobres e excluídos como pessoas passivas à espera de que simplesmente lhes estendam a mão. Eles não são apenas carências. Fervilham em sua realidade muitas possibilidades e riquezas. O pobre é portador de uma cultura própria e enriquecida por sua história. Incluí-los consiste na valorização de sua identidade, no reconhecimento de seu potencial e na criação de possibilidades para que possa desenvolver-se plenamente.

O objetivo da sacramentalidade profética da Igreja não está numa atitude paternalista que desemboca em um novo modo de dependência e dominação. A profecia se faz presente ao promover a vida e a liberdade do ser humano, transparecendo o poder que emana do Deus da vida e seu projeto de humanização. Assumir o risco do compromisso a favor da vida e da convivência solidária como resultado prático do mandato evangélico incide na edificação de relações eclesiais pautadas pelo discernimento e pelo diálogo com o meio social, além de exigir uma constante autocrítica sobre sua práxis e organização estrutural.

Considerações finais

É uma realidade facilmente constatável que a Igreja sempre teve, na América Latina, uma destacada função social. Durante sua caminhada pode-se notar, por diferentes motivos, uma solicitude tácita com o poder constituído e com a ordem estabelecida. Todavia, houve, continuamente, resistência e denúncias por parte de seus membros, especialmente em âmbitos episcopais,

contra os abusos do poder político cometidos contra os pobres. Mas esta não tem sido a tônica dominante.

Mormente este cenário, a partir da Conferência Episcopal de Medellín, tem se procurado estimular em muitas instâncias um diálogo aberto e fecundo com a sociedade. Cabe assinalar que o verdadeiro diálogo exige a consciência sobre a própria missão e, por isso, a abertura eclesial e sua consequente inserção sociocultural não pode ser edificada através da diluição identitária da Igreja. Na fidelidade aos valores que anuncia, a Igreja poderá prestar um real serviço, reconhecendo as sementes do Reinado de Deus presentes na sociedade e não abstendo-se de denunciar tudo aquilo que vilipendia a vida e a dignidade humana.

Motivada por sua vocação missionária, a comunidade eclesial não pode deixar de encarar a crueza do cenário em que atua. O atual tecido social, construído sobre os valores do mercado neoliberal, desdobra-se no aumento da pobreza e da exclusão social. Também é preciso destacar que junto com este aumento encontramos o crescimento de falácias acerca da pobreza que visam construir muros ideológicos que justifiquem e, em alguns casos, até apoiem tal situação de marginalização. Neste ambiente, a sacramentalidade profética da Igreja vê-se interrogada não apenas em seu discurso e práxis, mas também em suas estruturas. Estabelecer relações com a sociedade implicará em não aceitar uma posição de neutralidade diante das injustiças que emergem no meio social, adotando conscientemente a função de instância crítica que tem, em sua experiência de fé, o alicerce para seu anúncio e existência.

A Igreja, portanto, se insere no seguimento dos passos de Jesus de Nazaré e, a partir dele, redefini os traços de sua missão ao clarificar a própria caminhada para que possa ser efetivamente sacramento profético da salvação. Não se trata, portanto, de qualquer anúncio. Para trilhar este caminho emerge com singular destaque o paradigma da comensalidade aberta estabelecida por Jesus. Entendida como profecia em ação que visibiliza em sua sacramentalidade o Reinado de Deus, a mesa de Jesus ressignifica as relações pessoais e sociais através de uma atitude de comunhão que funda critérios e determina o valor das opções eclesiais a partir dos pobres, dos

marginalizados e dos insignificantes da sociedade, impulsionando e conferindo sentido à comunidade eclesial, enquanto é, simultaneamente, vivida por ela.

Referências

AQUINO JÚNIOR, F. de. O reinado de Deus como assunto da teologia cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 71, n. 281, p. 47-68, 2011. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1065>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: as novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CASTILLO, José Maria. *Jesus: A humanização de Deus - ensaio de Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA DE PUEBLA. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do caribe. 3ª ed.:* Ed. CNBB; Paulus; Paulinas, 2007.

GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: Mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

LOHFINK, Gerhard. *Deus precisa da Igreja? Teologia do povo de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008.

MIRANDA, Mario de França. *A Salvação de Jesus Cristo. A doutrina da Graça*. São Paulo: Loyola, 2004.

MIRANDA, Mario de França. Evangelizar ou humanizar? *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 74, n. 295, p. 519-548, 2014. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/477>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MOINGT, Joseph. *O Homem que Vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus*. Aproximação histórica. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

SCHILLEBECKX, Edward. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

Trabalho submetido em 15/08/2024.

Aceito em 22/11/2024.

Sérgio Albuquerque Damiano

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).
Atua como professor na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-6810-4397>. E-mail: sergio.albuquerque@unicap.br